

A escola: um projeto visando ao ensino interdisciplinar e transversal

Hilda Rabelo de Oliveira
Alberto N. Senapeschi

Palavras-chave: ensino fundamental; interdisciplinaridade; pedagogia por projeto; intertextualidade.

Resumo

O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido com crianças na faixa de sete anos, alunos da 1ª série do ensino fundamental da Escola Estadual "Prof. Bento da Silva César", na periferia de São Carlos (SP). O objetivo do projeto foi trabalhar conteúdos curriculares sem que fossem fragmentados, deixando que a interdisciplinaridade e a transversalidade estivessem presentes durante todo o seu transcorrer. Procurou-se, também, desenvolver nas crianças o gosto pela escola e pelo trabalho. Os alunos estiveram o tempo todo muito motivados, e questões curriculares como alfabetização e leitura, medidas e aritmética, ciências e meio ambiente, desenho e criatividade, artes, trabalho e respeito mútuo, ética e pesquisa estiveram sempre presentes, tratadas dentro da metodologia proposta para o projeto.

Introdução

As evidências têm mostrado que é grande a distância entre teoria e prática na escola.

Também, no âmbito pedagógico, as contradições são bastante evidentes. Difunde-se um conhecimento fragmentado e exige-se um indivíduo por inteiro, como se tem mostrado na literatura. Não param por aí as contradições. Segundo Kleiman e Moraes (1999, p. 13-14), procura-se fazer com que o aluno memorize o máximo de teoria possível, e cobra-se dele, no mercado de trabalho, a formação prática necessária e uma boa atuação na empresa. As mesmas autoras ainda salientam que se cobra dos alunos o espírito coletivo de solidariedade e se dá na escola ênfase bem maior ao trabalho individual.

Elas vão além, em suas considerações, colocando que:

O ensino da leitura reflete também esta pedagogia da contradição: fragmenta-se o texto para que se aprenda a perceber o todo, procura-se fazer com que o aluno responda somente o que está previsto na leitura do professor ou do autor do livro didático e exige-se um leitor crítico e participativo. O aluno escreve textos de opinião sem ter formado uma opinião; faz uma "interpretação livre", já cerceado, sem liberdade e, muitas vezes, sem leitura. Ele "lê" sem entendimento, interpreta sem ter lido e realiza atividades sem nenhuma função na sua realidade sociocultural. Quanto ao professor, fracassa em desenvolver projetos críticos e criativos em todos os níveis e áreas porque seus alunos não são leitores e nada faz a respeito, pois

formou-se dentro da visão de que a leitura e a escrita são atribuições exclusivas dos professores de língua portuguesa, que, por sua vez, não conseguem dar conta sozinhos da empreitada.

Foi na busca de um projeto diferenciado que a professora-pesquisadora, responsável por uma sala de 1ª série do ensino público fundamental, num bairro de periferia da cidade de São Carlos (SP), procurou evitar todas estas contradições, buscando um projeto em que o ensino não-compartimentado se fizesse presente, além de possibilitar aos alunos uma formação prática e o trabalho coletivo, solidário, que lhes permitisse gostar de ir à escola, sentir prazer e interesse.

Para Alves (2002, p. A3) "desde que o objetivo da educação é permitir que vivamos melhor, nossas escolas deveriam tomar a natureza como mestra".

Foi a partir deste texto do consagrado educador que decidimos pela publicação da pesquisa desenvolvida, que contribuiu para que o aluno se tornasse mais sensível à beleza da natureza, que a sua sensibilidade ficasse mais educada, que suas possibilidades de espanto e alegria fossem aumentadas e, finalmente, que se ensinasse uma ferramenta de uso prático, aumentando o poder do aluno sobre o mundo que o cerca, ainda conforme Alves, ao se referir a Hume em seu livro *Investigação sobre o entendimento humano*.

O tema de uma pesquisa não nasce do nada; ele sempre tem uma razão, um mistério que se deseja desvendar, o que exige, quase sempre, para isso se torne realidade devemos nos tornar sensíveis a cores e odores das coisas desconhecidas, conforme Savedra e Cava (2000, p. 127).

No presente trabalho, procurou-se construir a partir de um texto – no caso, uma historinha infantil – uma rede de conhecimentos que pudesse remeter os alunos de 1ª série do ensino fundamental às diversas disciplinas, não apenas a partir da intertextualidade, que permite apontar para diversos temas do conjunto de disciplinas do programa escolar, mas também para discutir temas como a solidariedade e a ética, entre outros.

A intertextualidade permitiu que assuntos de diversas disciplinas fossem introduzidos aproveitando-se da historinha contada, constituindo uma experiência muito bem-sucedida relacionada com a área de educação.

Os professores sentem necessidade e desejo de incluir a discussão de valores no currículo da escola fundamental, mas encontram dificuldades em fazê-lo.

Outra dificuldade frequentemente encontrada pelos professores é a de pensar interdisciplinarmente, porque toda a sua aprendizagem realizou-se dentro de um currículo compartimentado. Eles não se sentem aptos a desenvolver projetos temáticos, que pressupõem intenso trabalho coletivo e podem implicar a perda da predominância de tarefas e avaliações individualizadas.

Ao elaborar o presente trabalho, procurou-se dar aos professores, particularmente aos do ensino fundamental, a oportunidade de conhecer um projeto simples, acessível, que pode ser utilizado com relativa facilidade, em que a transversalidade (mediante a inclusão e discussão de valores) e a interdisciplinaridade (por meio de conteúdos diversificados e não-compartimentados) estivessem presentes, colaborando para a melhoria do ensino.

Para o desenvolvimento do trabalho, procurou-se dar a ele uma abordagem etnográfica, não se restringindo apenas ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionando-o com o que é aprendido dentro e fora da mesma (Lüdke, André, 1986, p. 11-17).

O trabalho manual desenvolvido em conjunto pelos alunos tornou-se um processo abrangente que envolveu toda a comunidade, desde gestores e professores até alunos e pais, com planejamento e diálogo, negociação e (auto-)avaliação constantes por parte de todos, para o sucesso do projeto.

A EEPPG "Prof. Bento da Silva César" está localizada no bairro Arnon de Mello, no município de São Carlos (SP), oferecendo ensino regular de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, nos períodos da manhã e da tarde, desde 1995. São 15 salas no total, com 50m² cada uma, em média, e com 30 classes regulares, mais uma de recursos, totalizando 1.029 alunos.

No ano passado, a escola procurou fazer um trabalho coletivo, interdisciplinar e integrado, tendo sempre como meta a melhoria da qualidade de ensino e a formação do aluno como cidadão crítico e participativo.

A clientela da escola tem pais com, no máximo, 1º grau completo (mais de 80%) e baixa renda familiar – a grande maioria, até quatro salários mínimos. Os alunos residem com os pais – mais de 93%.

Os pais são operários, pedreiros, auxiliares de serviço, e as mães, domésticas e do lar, todos em números bem acentuados.

O trabalho desenvolvido

O projeto foi desenvolvido com crianças na faixa de 7 anos, alunos da 1ª série do ensino fundamental da escola estadual "Prof. Bento da Silva César", na periferia de São Carlos.

O objetivo do projeto foi o de trabalhar conteúdos curriculares sem que os mesmos fossem fragmentados, deixando que a interdisciplinaridade e a transversalidade estivessem presentes durante todo o seu desenvolvimento.

Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de considerar a teia de relações entre seus diferentes e contraditórios aspectos. Mas diferem uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática (PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª série, 1997, p. 40).

Procurou-se, também, desenvolver nas crianças o gosto pela escola e pelo trabalho.

Para que tais objetivos fossem alcançados, partiu-se de uma historinha infantil – "A galinha ruiva" –, que levou à idéia de plantar o milho de verdade, dele cuidar e fazer um bolo para a classe toda comer.

O projeto foi iniciado em 10 de março e concluído no dia 28 de julho, quando ocorreu a festa final, realizada com o bolo de milho e a apresentação do teatro pelos alunos.

O trabalho desenvolvido, desde o início do projeto, foi criteriosamente acompanhado mediante relatório escrito, fotos, desenhos e filmagem e teve início com a história da galinha ruiva (adaptação), contada aos alunos:

Enquanto contava a história da galinha ruiva, gesticulava as brincadeiras folclóricas: cobra-cega, amarelinha, canções de roda, pular corda.

Houve uma hora em que o macaco começou a pular de galho em galho, mas os outros amigos não conseguiam fazer igual. Como o macaco era muito amigo e não queria brincar sozinho, resolveu descer do galho, e combinaram outras brincadeiras

das quais todos pudessem participar. Foi aí que resolveram visitar dona galinha.

Chegando na casa de dona galinha, ela abraçava cada um e imediatamente oferecia-lhes um bolo.

Mas para isso tinha que ir ao milharal. Mas, ao colher as espigas de milho, sua asinha começou a doer. Foi quando decidiu pedir ajuda aos seus amigos e eles negaram dizendo que só queriam brincar. Mas mesmo assim ela continuou a pedir ajuda para levar o saco com espigas de milho, descascar, lavar, ralar e mexer a massa, e nenhum pedido teve resposta afirmativa.

Assim que o bolo assou, o cheiro saiu pelas portas e janelas e os animais o sentiram. A dona galinha perguntou quem a ajudaria a comer aquele lindo e delicioso bolo. Nesta hora todos queriam, mas dona galinha não deu nenhum pedaço e recapitulou todos os pedidos que havia feito e para os quais não obteve a colaboração.

Assim, os animais foram embora com uma grande lição".

O relatório foi redigido de forma a permitir que toda pessoa que o leia consiga interpretar o que ocorreu no grupo estudado tão apropriadamente como se fosse um membro do próprio grupo.

Já durante a história os alunos eram esclarecidos de que antigamente não havia liquidificador e que o forno era de barro ou tijolo, sendo necessário colocar lenha para aquecê-lo, levando-os a constatar os avanços tecnológicos.

O projeto permite ver a sala de aula como um lugar para a comunicação de informações, para o estabelecimento de relações sociais e para a expressão da identidade e de atitudes. Ou seja, é o espaço de convergência do cognitivo, do social e da expressão pessoal na construção de redes de conhecimento (Kleiman, Moraes, 1999, p. 50).

Ao final, os alunos gostaram da história – alguns acharam o final triste, outros, engraçado – e entenderam que os animais deveriam ter colaborado com "dona" galinha.

Quando os alunos disseram isso, enfatizou-se o quanto é importante a colaboração – tudo fica mais gostoso, mais fácil – e incentivou-se a colaboração em casa; então, sugerimos a eles que, todos

juntos, plantássemos milho de verdade e, depois que o milho crescesse, fizéssemos um bolo.

Os sorrisos e as palmas foram tão calorosos que nem se precisou de palavras. Estava iniciado o projeto.

Durante o desenvolvimento do trabalho, foram tiradas fotos que serviram para manter a memória do projeto:

- marcando os espaços entre as covas e plantando o milho;
- observando e regando a plantação de milho;
- registrando, por meio de desenhos, os acontecimentos anteriores;
- observando o milho *in vitro*;
- replantando o milho na terra;
- colocando o esterco no pé de milho;
- comparando os tamanhos entre milho/milho e milho/alunos;
- observando e cuidando do milho;
- o surgimento dos pendões.

Ainda para que os próprios alunos acompanhassem o desenvolvimento do trabalho, registrando as etapas, conforme eles, próprios viam, fizeram desenhos em sala:

- registrando a história da galinha ruiva;
- marcando os espaços entre as covas e plantando o milho;
- observando e regando a plantação de milho;
- colocando água com sabão (para matar os bichinhos);
- colocando esterco;
- comparando os tamanhos entre milho/milho e milho/alunos;
- observando os pendões;
- fazendo a colheita de milho.

No dia 10 de março, o milho foi plantado por todos, com explicações prévias sobre os vários tipos de milho, a necessidade do "veneno" no milho, os cuidados com a segurança e higiene e a importância da aprendizagem.

Dia 10 de março de 1999 nós plantamos o milho, mas antes falei sobre vários tipos de medidas (o metro, e mostrei a régua que eu usava; centímetros, e mostrei a régua que eles usavam) e que antigamente muitos usavam outras maneiras para marcar tamanho, como "palmas". Neste momento medi as palmas das mãos dos alunos e a minha também. Eu não falava a medida: eles tinham que descobrir, e se alguém não conhecia os numerais, o colega falava. Depois falei de "passo", que também foi muito utilizado para vários tipos

de plantações e que era essa distância (medida) que iríamos usar para plantar o milho. Escolhi o aluno mais alto da classe, porque os outros eram muito pequenos e, com os seus "passos", o milho ficaria muito próximo um do outro. E assim foi escolhida uma menina, que, com um pedaço grande de cabo de vassoura, fazia as covas, e a cada passo as crianças contavam.

Tivemos (eu e a coordenadora Anézia) todo o cuidado, porque o milho estava com "veneno".

Comentei sobre a necessidade do uso deste "veneno" para a conservação dos grãos e pedi para que todos colaborassem e não os colocassem na boca, olhos, nariz e ouvido; ao mesmo tempo, lembrei que eles já não eram mais bebês, e sim que já estavam crescendo e aprendendo muitas coisas. Isso fez com que eles se sentissem mais importantes. Depois disso, tomei precauções, pondo uma luva em minhas mãos e nas das crianças, sacolas plásticas. Cada uma recebeu um grão de milho e, em equipes de três ou quatro (eles próprios montaram as equipes), o colocou na cova.

Após realizada a plantação, retiramos as "supostas" luvas, lavamos as mãos com detergente e fomos para a classe. Ao chegarmos, peguei três vidros com algodão e água e coloquei o milho em cada um deles - dei ênfase na grande importância da água para os seres vivos (Do relatório que acompanhou o trabalho).

No mesmo dia, o milho foi plantado *in vitro* e as crianças registraram com desenhos todas as atividades. Também o desenvolvimento do milho foi acompanhado com desenhos e fotos. Os desenhos permitiam que os alunos registrassem o que estavam observando e pudessem comparar.

Neste mesmo momento, as crianças registraram, através de desenhos, o que fizeram lá fora (plantação de milho) e o que fizemos dentro da classe com os vidros. Coloquei os vidros em cima do armário, perto da janela, onde os grãos receberiam o sol, e expliquei a necessidade do mesmo para o crescimento da planta. Como havia faltado um aluno, no outro dia ele foi regar a plantação do milho. Novamente falei sobre a importância desse vegetal.

E a cada dois ou três dias os alunos recebiam em suas mesas os vidros. As crianças ficavam encantadas, pois contavam realmente o que estava acontecendo com o

milho e registravam exatamente como viam, exceto algumas, que colocavam flores e as faziam maior do que viam; então, eu falei que o desenho estava lindo, mas o importante era desenhar o que realmente estavam vendo, o que estava acontecendo com o milho (Trecho do relatório).

As diferenças entre o estágio de desenvolvimento do milho *in vitro* e na terra foram explicadas com base na diferença de densidade entre a terra e o algodão (falando que a terra era muito mais pesada que o algodão).

Passaram-se mais dez dias e fomos visitar o milho na terra. Eles ficaram tristes, pois ainda não havia crescido. Comentei sobre o processo de crescimento na terra, que era muito mais pesada do que o algodão, e por isso acontecia a demora (Trecho do relatório).

A importância da água foi sempre valorizada. As partes das plantas e suas funções foram sempre discutidas e mostradas aos alunos. A presença de "bichinhos" no milho serviu para discutir a questão dos inseticidas, a necessidade de lavar bem os alimentos antes de ingeri-los.

Outras estavam discutindo que a planta mais bonita era da sua equipe e aí observaram que uma das folhas do milho estava destruída pelos bichinhos. Foi então que comentei sobre os "venenos" que muitos agricultores têm que usar para que não se estrague a plantação e que, por isso, era necessário lavar bem os alimentos (Trecho do relatório).

Também, inseticidas naturais foram preparados e, depois, foi apresentada a sua importância. Paralelamente, os alunos começaram a preparar a dramatização da historinha da galinha ruiva.

E, no dia 27 de abril, fomos fazer uma visita de rotina e aproveitamos para regar a plantação. Cada aluno pegou o regador e cuidou do milharal... Somente uma aluna não quis fazê-lo, e eu não a obriguei, só comentei: "Que pena! A planta está tão triste!".

E, durante este trabalho, vimos que os bichos estavam estragando as folhagens. Tinha insetos grandes, parecidos com uma barata pequena e de pernas grandes. Os alunos ficaram muito tristes, e novamente

falei dos "venenos" utilizados nas grandes lavouras e da necessidade de lavarem bem as frutas. Daí perguntei: "O que vocês acharam dos bichos na plantação de milho?" Alguns responderam: "São sem educação!", "Não têm respeito!"

E aproveitei para comentar sobre inseticidas naturais, isto é, os que matam os bichos e não matam as plantas nem as pessoas.

Portanto, falei do fumo de rolo, feito do mato que tem uma folha grande e verde, e que foi muito usado para matar bichinhos. Essa informação eu obtive de uma revista, da qual não tenho os dados no momento, e, também, de outras pessoas. O que eu não lembrava era de como preparar o fumo para colocar na planta. Fui conversar com a diretora Leni, que tem experiências. Ela falou de outras maneiras naturais de combater os insetos, tais como cinza e sabão.

Pedi para ela tirar fotos dos bichos que estavam na folha do milho (Trecho do relatório).

Os alunos novos que entraram na escola foram incentivados a participar e colaborar. Um aluno repetiu a experiência em casa plantando feijão. Os pais gostaram muito:

"Minha filha sempre fala que não vê a hora que tenha milho, pois quer fazer o bolo". A mãe ainda disse: "Filha, eu faço bolo de fubá pra você, e ela responde que não quer um bolo de fubá e sim um bolo feito de milho da escola". E, ainda, disse que ela fica pedindo para que todos tenham cuidado com as plantas, pois elas precisam de carinho.

Conforme depoimento de outra mãe, a do aluno Rafael, que plantou o feijão em casa, "Foram vários pés de feijão, que tudo que vê ele quer plantar, inclusive arroz; gosta de cuidar das plantas, e isso ele começou assim que plantaram o milho" (Trecho do relatório).

Noutra reunião, novas manifestações dos pais, após terem visto a plantação:

- Meu filho mudou completamente seu comportamento para melhor, pois anteriormente ele não brincava, não tinha amigos, não era muito de sorrir ou comentar. Hoje ele comenta muito sobre o milho, convidou um amigo, Danilo, da própria classe, e não gosta de faltar (Depoimento da mãe do aluno Gabriel).

– Gabriel já é um excelente aluno, lê tudo; na classe, este aluno conversa pouquíssimo, mas nota-se que, ao sair para o recreio, ele fica com vários coleguinhas, principalmente o Tiago, e, ao visitar o milho, ele é um grande observador. Comentei com a mãe que ele não quis colocar esterco, e a mãe respondeu que ele realmente não gosta de sujar as mãos (Depoimento da professora).

As reuniões mostraram o carinho e o respeito que as crianças tiveram não só com o milho, mas com as plantações em geral, além da vontade de plantar.

Aproveitamos para medir a altura do milho. Primeiro o fizemos escolhendo uma aluna cuja altura mais se aproximasse dela, e todos perceberam que era a Aninha. Tiramos foto e, na classe, medimos a aluna. Um aluno observou que a Aninha era um pouquinho mais alta que o milho. Elogiei sua observação. Ao medir a Ana (1,12m), falei de sua medida, e, como ela era um pouco mais alta, deduzimos que o milho seria mais ou menos 1,10m. Eles desenharam.

O aluno Rafael perguntou-me se poderia trazer o feijão que havia plantado, aí perguntei porque ele tinha feito isso. Ele respondeu que achou legal plantar, e que seu feijão estava grande. Isto demonstra que o trabalho desenvolvido despertou interesse (Trecho do relatório).

Para marcar a data da festa final, trabalhou-se o calendário desde o início da plantação, respondendo perguntas como: Em que mês plantamos o milho? Em que dia do mês? Em que dia da semana? Em que mês vimos o pendão? Em que dia do mês? Em que dia da semana? Quantos dias o milho levou para dar o pendão?

Os alunos participaram ativamente, e a aula foi muito proveitosa. Como tarefa para casa, os alunos pesquisaram: a) quais os tipos de milho que conheciam; e b) o que a mamãe podia fazer com o milho.

Na classe foram dadas e discutidas questões como: O fubá é feito de quê? A pipoca é feita de quê? A canjica é feita de quê? O curau é feito de quê? A pamonha é feita de quê?

Também escreveu-se na lousa o tema "espiga de milho", e, com essas palavras, os alunos montaram novas palavras, isto é, movendo as letras. Para aqueles alunos com muita dificuldade na escrita foram dadas outras palavras simples ou mesmo brincadeiras com as vogais.

Com base em uma outra história, também relacionada ao milho – "o milho e o pássaro" – os desenhos foram copiados e passados para os alunos, com o pedido de que observassem bem a seqüência dos desenhos, dessem nomes aos personagens e criassem uma história. Os resultados foram excelentes.

Numa das reuniões com os pais, procurou-se saber deles as impressões que puderam extrair dos alunos em casa. Os resultados colhidos foram excelentes e incentivaram a continuidade do projeto.

No dia 10 de maio tivemos uma reunião com os pais. E levei as fotos para eles verem. Gostaram muito. Perguntei se os filhos haviam comentado sobre nossa plantação de milho, e os depoimentos de alguns pais foram surpreendentes.

A mãe de Tânia: "Minha filha sempre fala que não vê a hora que tenha milho, pois quer fazer o bolo". E a mãe disse: "Filha, eu faço bolo de fubá pra você. Ela respondeu que não quer um bolo de fubá e sim um bolo feito de milho da escola". E, ainda, a mãe falou que ela fica pedindo para que tenha cuidado com as plantas, pois elas precisam de carinho. Também essa aluna não gosta de faltar às aulas. Ela apresenta muitas dificuldades, isto é, ela ainda não atingiu os parâmetros mínimos, mas uma criança que consegue exigir da mãe cuidados com as plantas e que já tem assiduidade certamente estará superando as dificuldades também na escrita.

Os pais do Rafael, aquele que disse haver plantado feijão, relataram que o filho despertou para a importância das plantas desde que iniciamos nossas atividades aqui na escola. Plantou vários pés de feijão e de arroz e gosta de cuidar das plantas.

E, assim, foram vários os pais que deram depoimentos (Trecho do relatório).

Dois dias após a reunião com os pais, aproveitamos para discutir a questão do adubo natural esterco, destacando as suas propriedades.

Mais tarde, no mesmo dia, foi realizada a reunião com os pais que não haviam comparecido à reunião anterior, e, novamente, os resultados foram positivos.

No dia 12 de maio, fomos à plantação do milho e verificamos que as raízes estavam fora da terra. Comentei que se deixássemos assim elas morreriam. Começamos a

pegar esterco e colocar nas plantas. Nesse local havia muito esterco. Expliquei que eram estrumes de animais (vaca e cavalo) e que era rico em vitaminas para as plantas, pois esses animais só se alimentavam de mato e água. Muitos tiveram nojo; outros foram com muito fervor. Não obriguei ninguém, mas os alunos que ajudavam recriminavam os que não estavam ajudando, e, por fim, alguns que não estavam colaborando resolveram pegar nem que fosse um pouquinho. Depois as crianças desenharam (Trecho do relatório).

Neste mesmo dia, às 17h, fiz outra reunião com alguns pais que não haviam comparecido na anterior. Aliás, foram somente oito pais na primeira reunião. Mas esqueci de trazer as fotos, e, então, os convidei para irem pessoalmente ver nossa plantação. Eles gostaram muito. Nessa tarde compareceram o pai do Tiago e a mãe do Gabriel.

A mãe do Gabriel disse que o filho dela mudou completamente de comportamento, para melhor, pois anteriormente ele não brincava, não tinha amigos, não era muito de sorrir ou comentar. Hoje, ele comenta muito sobre o milho, convidou um amigo (Danilo) da própria classe para ir à sua casa, fazem as lições juntos. A mãe está feliz com o desempenho do filho. Ele já é um excelente aluno; lê tudo, na classe conversa pouquíssimo, mas nota-se que, ao sair para o recreio, ele fica com vários coleguinhas, principalmente o Tiago, e, ao visitar o milho, ele é um grande observador. O pai do Tiago também falou do seu desempenho. Está muito satisfeito com a transformação que a escola está provocando, e tudo que ele faz na escola comenta em casa.

O que mais gostei nestas reuniões foi o carinho e o respeito que as crianças tiveram não só com o milho, mas com as plantações em geral, e a vontade de plantar, embora muitos reclamem da falta de espaço em casa para plantar (Trecho do relatório).

Tanto no final do primeiro bimestre como no do segundo foram formuladas questões como as transcritas abaixo:

1. Você notou alguma mudança nas atitudes de seu(sua) filho(a) nesse bimestre?
2. Quais foram os aspectos positivos e quais os negativos?

3. Seu(sua) filho(a) tem tido problemas em alguma ou algumas disciplinas? Quais?

4. Gostaríamos que fossem feitas algumas sugestões para a melhoria do ensino em nossa escola.

A avaliação dos pais, em reuniões nos dois bimestres, foi positiva, e as manifestações relacionadas são as seguintes:

Despertou em seus filhos a vontade de plantar, tanto que estes desejam também plantar em casa qualquer semente que lhes caem às mãos, mas principalmente o milho, para fazer um bolo de milho.

No segundo momento é que sentiram em seus filhos mudanças comportamentais, ou seja, entrosamento com outras crianças, interesse por historinhas e leitura, vontade de ir à escola (1º Bimestre).

Que tenha mais projetos como o projeto da galinha ruiva, mas com batata, feijão, etc.

Que a plantação foi uma aprendizagem muito importante para seu filhos.

Que os filhos mudaram seu comportamento para melhor em casa e passaram a demonstrar interesse pelo teatro, leitura e, em geral, pela escola.

Que acompanharam mesmo de longe e ficaram emocionados e com água na boca, devido aos comentários que seus filhos fizeram da escola (2º bimestre).

Alguns dias após foram feitas novas visitas ao milharal. Na primeira, procuramos apresentar e discutir as partes das plantas.

No dia 25 de maio, fomos visitar o milho e foi uma gritaria, pois o milho havia dado seus primeiros pendões; aliás, dois pés de milho. Eles pulavam, davam graças a Deus e sorriam. Corri para pegar a máquina fotográfica, pois eu nem pensava em fotografar até o momento, e a própria diretora veio compartilhar a alegria dos alunos. Um aluno disse que foi por causa do adubo que o milho deu o pendão. E os outros já pediam para colocar mais adubo. Teve um que verificou que a raiz estava novamente aparecendo, e, enquanto eu conversava com a diretora (Leni), eles regavam e colocavam esterco. Tiramos fotos com eles trabalhando e, ao chegar na classe, eles desenharam com muito entusiasmo. Aproveitei para novamente falar das partes das plantas – raiz, caule, flor e frutos – e perguntei o que estava faltando no nosso pé de milho, e eles responderam que era o fruto. Nesta hora uma aluna (Ingrid) disse que, quando o

milho desse o fruto e o bolo fosse feito, gostaria de levar um pedaço de bolo para seus dois irmãos (Trecho do relatório).

Na segunda visita discutimos o calendário para os meses de março a maio e formulamos uma série de questões previamente elaboradas.

No dia 26 de maio trabalhamos o calendário dos meses de março, abril e maio. E os passos foram:

Primeiro dei uma folha somente quadriculada para cada aluno e expliquei que uma semana tem sete dias e coloquei os dias da semana na lousa. Na folha quadriculada colocamos juntos as iniciais da semana. Comentei que havia meses que têm 28, 29, 30 ou 31 dias e que um ano tem 12 meses, escrevi os meses na lousa. Mas iríamos trabalhar somente os meses de março, abril e maio. Assim que construímos o calendário, eu na lousa e as crianças com seu papel, demos destaque para o dia 10 de março, dia que plantamos o milho. E destacamos também o dia 25 de maio, que foi o dia em que vimos o pendão (mas expliquei que possivelmente teria nascido no fim de semana, mas como vimos nesse dia o destacariamos). Assim que terminamos o calendário, fiz as seguintes perguntas (os alunos olhavam no calendário, respondiam e eu escrevia na lousa): a) Em que mês plantamos o milho? b) Em que dia do mês? c) Em que dia da semana? d) Em que mês vimos o pendão? e) Em que dia do mês vimos o pendão? f) Em que dia da semana? g) Quantos dias o milho levou para dar o pendão? (Trecho do relatório)

Finalmente, na terceira visita consecutiva, aproveitamos para desenvolver trabalhos de pesquisa e alfabetização.

No dia 27 de maio, assim que entramos na classe, fomos visitar o milho, pois as crianças estavam ansiosas para acompanhar o seu desenvolvimento. Em cada pé de milho já havia três espigas. Subimos para a classe e eles desenharam o que viram. Recordamos as partes da planta e o que elas precisam para um bom desenvolvimento. Para casa foi pedida uma pesquisa. As questões foram as seguintes: O fubá é feito de quê? A pipoca é feita de quê? A canjica é feita de quê? O curau é feito de quê? A pamonha é feita de quê? Além dessas perguntas, contei algumas novidades que aprendi lendo (incentivando a leitura), que do milho aproveitamos quase tudo. Por exemplo, usa-se a folha da espiga do milho para enrolar a pamonha, e, quando

seca, a chamamos de palha – dela são feitos cigarros, que o cabelo de milho é muito usado para chás (diurético) e que o sabugo é utilizado em rações para animais e dela também se faz placas acústicas. Como as crianças têm o alfabeto móvel, eu coloquei na lousa "espiga de milho", e eles montariam com essas palavras novas palavras, isto é, movendo as letras. Para aqueles alunos com muita dificuldade na escrita, dei outras palavras brincando com as vogais. Eu ia (com os alunos) tirar foto, mas tínhamos muita tarefa, e aí eu pedi para Anésia tirar foto da espiga de milho (Mais um trecho).

Depois, continuamos o processo de alfabetização, inclusive com o auxílio de texto retirado de uma cartilha. Justifica-se o ato de utilizar o texto da cartilha com base na citação das autoras Angela B. Kleiman e Silvia E. Moraes (1999, p. 67):

O texto do livro didático tem uma função importante como base científica para auxiliar na interpretação de textos multidisciplinares como os das revistas e jornais. Embora haja livros didáticos, seus problemas subsistem quando são utilizados exclusivamente.

Também, aproveitando-se das espigas de milho que havia no "milharal" e das novas que apareceram, pôde-se trabalhar as "continhas".

No dia 28 de maio, as crianças insistiram em ver o milho. Estavam muito ansiosas. Fomos ver. Eles ficaram maravilhados com o cabelo do milho bem clarinho. Hoje não desenhamos, pois no desenho anterior eles já haviam notado o pequeno cabelo. Trabalhei, então, um texto: "Cresci e vou ser mamãe". Ganhei este texto da professora Vera, que o retirou de uma antiga cartilha – *Caminho suave*, de Branca Alves de Lima. Tirei xerox, lemos o texto, expliquei algumas palavras, e eles pintaram. As crianças gostaram muito da história, e eu mostrei o texto seguinte, que só daria na segunda feira. Eles ficaram curiosos, pois disseram que era linda a história. Pedi para que não faltassem na segunda.

No dia 1º de julho fomos novamente visitar o milho, e observamos que as espigas de milho aumentaram, porque na última contagem havia 22 espigas e agora tínhamos 35 espigas. Após esta atividade, fomos para a classe e trabalhamos Matemática, com problemas e, depois, com o calendário.

Ex.:

Havia 22 espigas de milho

Cresceram mais 13 espigas.

Quantas espigas eu tenho agora? (Trechos do relatório)

Como parte do projeto, os alunos dramatizaram o trabalho para outras classes da escola, mostrando-o com utensílios e decoração improvisada por eles próprios.

A representação permitiu concluir que, a partir do momento em que a criança interioriza a história, nada é estranho para ela.

No dia 2 de julho, apresentamos o teatro para as outras classes; os alunos haviam feito o painel do milharal, e eu fiz o fogo a lenha (com papelão), emprestei utensílios (panela de ferro, chaleira de ferro, ferro de passar roupa, toalha de papel decorada com recortes de várias formas, como se usava antigamente, feita pela professora Regina Célia), vassoura de mato, canequinhos esmaltados, gamela, colher de pau; para decoração da prateleira, também usei uma miniatura do carro de boi e, finalmente, o forno a lenha, feito com cartolina.

E para a peça ficar mais "real", arranquei a primeira espiga de milho e as crianças não gostaram – ouvia-se um murmúrio: "Ah! Ah! Ah! Coitadinho!"

O mais interessante foi que a decoração foi totalmente improvisada; apenas o painel era conhecido pelas crianças, pois foram eles mesmos que o confeccionaram. Quando tínhamos ensaio não havia nada de decoração, pois o mesmo era feito ou na sala de aula ou na quadra. E neste dia os alunos apresentaram a peça com tanta naturalidade, usando os utensílios como se fossem da época em que eles vivem. A única coisa que eles confundiram foi o forno a lenha. Muitos foram e bateram na porta do forno (a lenha), como se fosse a porta de uma casa; e a cada equipe que ia apresentar eu frisei: "Isto é um forno usado antigamente!" Mesmo assim, só a última equipe não confundiu o forno. Cheguei à conclusão de que, a partir do momento que uma criança interioriza a história, nada é estranho para ela. Neste dia também algumas crianças que participavam da equipe faltaram (Rosa, Carlos e Renan). Uns porque estavam doentes, outros não falaram o motivo. E as equipes que estavam sem esses elementos substituíam com facilidade com outra criança (Nathália, Thiago, Jefferson),

que não haviam ensaiado. Eles participaram por vontade própria. Mais uma vez repito que a criança que compreende a história desempenha com tranquilidade uma dramatização.

No dia 6 de julho os alunos assistiram seu próprio trabalho. Ficaram encantados, riram bastante e aplaudiam. À medida que cada equipe apresentava, parecia que as crianças estavam vivenciando aquele momento outra vez. Na sala de aula pedi que desenhassem as etapas da história da galinha ruiva; depois passei um trecho da música da história (Trecho do relatório).

No final do projeto fez-se o tão esperado bolo de milho, com a receita na lousa e aproveitando, para atividades, como retirar do texto palavras com ch- lh- nh-, de onde vem o sal, a diferença entre a manteiga e a margarina, higiene, importância dos alimentos, colaboração do trabalho em conjunto, etc.

No dia 28 de julho fizemos finalmente o tão esperado bolo. Primeiro vi quantas crianças estavam presentes, e chamei a ex-aluna Josienne – ela participou do plantio e estava em outra classe, porque foi reclassificada.

O total foi de 30 alunos; faltaram três. Pedi que fizessem três equipes com dez alunos, e eles mesmos se organizaram (Trecho do relatório).

A etapa final foi bastante gratificante. A receita foi novamente repassada na lousa, juntamente com uma série de atividades:

- a) Cópia da receita.
- b) Retire do texto palavras com: ch- lh- nh-.
- c) Quais os animais que você conhece que botam ovos?
- d) Quais os animais que dão leite?
- e) Qual é a diferença entre manteiga e margarina?
- f) De onde vem o sal?
- g) Cite cinco coisas que podem ser feitas com o milho.
- h) Faça um desenho (livre) e cole grãos de milho (canjica, milho comum e de pipoca).

O preparo do bolo continuou, enquanto questões eram formuladas.

A equipe que fazia o bolo tinha que ler e entender o que estava lendo. Eu fazia algumas perguntas: "Tenho que colocar o ovo inteiro com casca no bolo?" "Qual a diferença entre a manteiga e a margarina?" "Vocês ajudam a mamãe em casa?" Assim todos colaboraram, até na limpeza. Algumas crianças queriam experimentar a sobra crua da tigela. O cheiro do bolo invadiu a escola, e muitos professores e funcionários falavam: "Ah! Que cheiro gostoso! Quero um pedacinho do bolo". Comentei com os alunos sobre o nosso sucesso e que nós daríamos um pedacinho de bolo para alguns funcionários e professores. Os alunos não reclamaram; compartilharam com alegria (Trecho do relatório).

O preparo do bolo foi concluído, e iniciamos o aguardado momento de servi-lo.

Na hora de comermos o bolo, cantei a música principal da historinha: "Quem me ajuda, quem me ajuda, a comer esse bolo?" A resposta foi unânime: "Eu sim, sim, dona galinha" (bis). Os gritos de alegria e as palmas foram muitos na chegada dos bolos. Cada aluno ganhou dois pedaços, e o mais interessante foi que muitos falaram que iam levar para a mãe deles. Agradecemos às pessoas que nos ajudaram até aqui: dona Leni (diretora), dona Anésia (coordenadora), Maurício (caseiro) e dona Roberta, que filmou nossas atividades com muito carinho (Trecho do relatório).

O final da festa foi muito alegre, demonstrando a satisfação dos alunos.

Enquanto falávamos das pessoas, as crianças aplaudiam. Comeram do bolo, mas, antes de o comermos, muitos falaram: "Posso lavar minhas mãos, professora?" Nota-se que estão entendendo de higiene também. Depois, na hora de comer, uns corrigiam o outro: "Olhe a boca, temos que comer com a boca fechada". E para brincar com eles eu falei que aquele momento estava parecendo o programa *Note e anote*. E as crianças falaram que só faltava me esconder embaixo da mesa – e eu o fiz. Eles riram bastante (Trecho do relatório).

Ainda aproveitamos para uma revisão das questões tratadas, com o objetivo de enriquecer as aulas.

No dia 29 de julho eu dei uma revisão nas questões anteriores pois muitos não haviam terminado; dei um "caça-palavras"

para enriquecer mais as aulas, e fizemos, juntos, as atividades:

Caça-Palavras:

- 1) Fruto que dá no milharal.
- 2) Líquido que sustenta animais mamíferos ao nascer.
- 3) Pó químico usado para fazer pães e bolos crescerem.
- 4) Produto usado para salgar alimentos.
- 5) Creme vegetal usado para passar no pão e colocar em massa de bolo.
- 6) Produto retirado da cana e usado para adoçar alimentos.
- 7) O que a ave e alguns animais põem e servem como alimentos.
- 8) Cereal reduzido ao pó.

ABSDEJUMILHOBE
FERMENTOTOUNAI
SMARGARINATLMA
AÇUCARTRIDDKTEI
MOVOOAPATEMTIA
FARINHADEQUALQ
BOLODISALMICOT
CIALEITECOMNES
(Conforme o relatório)

Os alunos se sentiram muito motivados, seus conhecimentos foram valorizados e o trabalho deles reconhecido.

No dia 2 de agosto fomos novamente visitar o restante da horta, pois muitos pés deveriam ser arrancados por já estavam secos. Uma aluna, Bruna, estava reclamando para outra: "Tivemos tanto trabalho para plantar, cuidar, colher e agora tem que estragar a natureza?" Respondi: "É necessário, pois alguns pés já morreram. Também há classes de outras séries que precisam plantar". Daí foi decidido com a dona Leni que os pés que ainda tinham espigas de milho deveriam ficar e os outros poderiam ser arrancados.

No dia 11 de agosto, eu passei o filme para que os alunos assistissem ao trabalho da colheita e do bolo; a reação foi igual à anterior. Eles aplaudiram seus feitos, fixavam seus olhares e sorriam. E a Thais Fernanda falou: "Vamos plantar mais, professora?"

Os pais dos alunos assistiram a esse filme no dia 13 de agosto; muitos já fizeram comentários e escreveram logo após o bolo de milho. Os relatórios estarão anexados a este trabalho. O primeiro comentário foi uma surpresa para mim; eu fiquei emocionada. Aos outros eu pedi que analisassem esse "Projeto da Galinha Ruiva", os

pontos positivos e negativos, bem como o andamento geral neste primeiro semestre. E em um deles a mãe quer que eu faça outros tipos de plantações, pois incentiva muito aquela criança que vive na cidade e só conhece alimentos industrializados.

Foi muito gratificante e produtivo (Parte final do relatório).

O projeto permitiu que os conteúdos curriculares fossem trabalhados sem que fossem tratados isoladamente ou em compartimentos fixos.

Os temas abordados durante todo o processo podem ser arrolados como: folclore, dramatização, criatividade, trabalho em equipe, assiduidade, colaboração, ética e respeito, desenho e arte, plantação, aritmética, medidas, adubos e fertilizantes, densidade, ciências e meio ambiente, higiene e segurança no trabalho, fotografia, pesquisa, experiência *in vitro*, registro das observações, alfabetização e leitura.

Conclusões

Os objetivos inicialmente traçados para a proposta foram alcançados em todas as etapas do trabalho, visando o envolvimento da criança na busca pessoal do saber, favorecendo a auto-estima e discutindo valores, tendo por finalidade a formação do cidadão crítico e colaborativo.

No decorrer do trabalho de campo obtivemos um material bastante vasto, que não seria possível transcrever em toda a sua amplitude, dadas as limitações de espaço de um artigo. Daí procurarmos registrar apenas aspectos e situações que consideramos mais relevantes, valendo-nos do minucioso relatório elaborado como parte do projeto.

O trabalho desenvolvido preocupou-se em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo, buscando relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.

As questões curriculares foram trabalhadas de forma interdisciplinar e transversal, evitando a compartimentalização do conhecimento e levando os alunos ao melhor aproveitamento. Os temas abordados permitiram às crianças adquirir os conhecimentos vivenciados e os previstos curricularmente.

No entanto, a proposta de trabalho escolar situou-se além das preocupações alienantes e individualistas do currículo tradicional, articulando as diferentes áreas do conhecimento. Configurou-se numa prática de organização do trabalho escolar que conseguiu fazer face à fragmentação, à alienação e ao individualismo do currículo. Também, questões relevantes para a vida social estiveram presentes no dia-a-dia dos alunos, como se pôde discutir amplamente ao longo do trabalho.

O trabalho desenvolvido permitiu que as atividades curriculares considerassem a aprendizagem conceitual e a prática social mais autênticas, uma vez que refletiram a vida real - fator bastante motivador para o processo de ensino-aprendizagem.

Os depoimentos dos pais vieram confirmar as observações durante o desenvolvimento do projeto, ou seja, que os alunos gostaram, envolveram-se, valorizaram o trabalho em grupo, estudaram mais, apresentaram mudanças comportamentais e levaram aos pais a satisfação do que estavam fazendo e aprendendo.

O trabalho etnográfico desenvolvido procurou descrever o ambiente social dos alunos, as atividades gerais e o ambiente físico, além de preocupar-se, desde o início, com o registro de dados, elaborando-se um relatório bem completo e que permitiu a redação deste trabalho.

Retomando à introdução do texto e as razões que levaram a publicá-lo, podemos concluir que o projeto da "galinha ruiva" ensinou muito aos alunos, aumentando o conhecimento deles sobre o mundo que os cerca, levando-os ao prazer da escola e à necessária solidariedade e respeito ao trabalho, tornando-os sensíveis à beleza da natureza.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubens. Sobre moluscos, conchas e beleza. *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 2002. p. A3.
- KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*: Campinas: Mercado de Letras, 1999. 191 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99 p. (Temas básicos de educação e ensino).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1ª A 4ª SÉRIE). *Apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SAVEDRA, Vera Lucia Alves; CAVA, Patricia Pereira. Estigma e escola: um estudo sobre o aluno considerado problema. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA ASSER, 5., São Carlos-SP, 2000. *Anais...* São Carlos, nov./dez. 2000. p. 127.

Hilda Rabelo de Oliveira, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Central Paulista (Unicep) de São Carlos (SP), é professora do ensino fundamental e leciona na EEPG "Prof. Bento da Silva César" dessa cidade.

Alberto N. Senapeschi, doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), é professor do curso de Pedagogia do Centro Universitário Central Paulista (Unicep) de São Carlos (SP).

posgraduação@asser.com.br

Abstract

The work here presented was developed with seven-year-old children, primary school students at "Escola Estadual Prof. Bento da Silva César", in suburban São Carlos. The project objective was to work out curricular contents without allowing them to be fragmented, but using interdisciplinarity and transversality during the entire project. It was also aimed that children developed taste in school and work. The students were very motivated during the project and curricular issues as alphabetization and reading, measurements and arithmetics, science and environment, drawing and creativity, arts, work and mutual respect, ethics and research, have always been present, treated in the proposed methodology for this project.

Keywords: interdisciplinarity; transdisciplinarity; pedagogy in the project; intertextuality.

Recebido em 18 de junho de 2002.

Aprovado em 24 de junho de 2003.